



## FONTES ORAIS NA ESCRITA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO À LUZ DE MICHEL DE CERTEAU E WALTER BENJAMIN

Lisley Canola Treis Teixeira<sup>1</sup>  
Clarícia Otto<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo objetiva apresentar aspectos de experiência de pesquisa com fontes orais e ressaltar a potencialidade dessa metodologia na escrita da História da Educação. Investiga práticas da infância e modos de interpretá-las e significá-las pela memória de quinze entrevistados com idade entre 70 e 89 anos. Esses velhos, em sua infância, foram alunos em escolas públicas do núcleo urbano de Florianópolis (SC), de 1930 a 1950. Michel de Certeau foi o aporte teórico para pensar a narrativa como arte de dizer, o cotidiano e as práticas da infância. Os conceitos do narrador, de experiência e de história, na perspectiva de Walter Benjamin, balizaram as reflexões acerca dos velhos como narradores e a própria capacidade de narrar em nosso tempo.

**Palavras-chave:** Velhice. Infância. Experiência. Práticas.

### ORAL SOURCES IN THE EDUCATION HISTORY WRITING ACCORDING TO MICHEL DE CERTEAU AND WALTER BENJAMIN

#### ABSTRACT

This paper aims to present aspects of research experience with oral sources. It also emphasizes the potential of this methodology in the Education History writing. It investigated childhood practices and ways to understanding and meaning them through the memory of fifteen interviewees aged between 70 and 89 years old. In their childhood, these elderlies were students in public schools of the urban nucleus of Florianopolis city, Santa Catarina State, from 1930 to 1950. Michel de Certeau was the theoretical contribution to think the narrative as art of saying, the childhood practices and the everyday. According to Walter Benjamin, the concepts of narrator, experience and history guided the reflections about the elderlies as narrators, as well as the capacity to narrate in our time.

**Keywords:** Elderliness. Childhood. Experience. Practices.

### FUENTES ORALES EN LA ESCRITURA DE LA HISTORIA DE LA EDUCACIÓN SEGÚN MICHEL DE CERTEAU Y WALTER BENJAMIN

#### RESUMEN

Este artículo pretende presentar aspectos de experiencia de investigación con fuentes orales y resaltar la potencialidad de esa metodología en la escritura de la Historia de la Educación. Fueron investigadas prácticas de la infancia y modos de significarlas a partir de la memoria de quince entrevistados con edad entre 70 y 89 años. Esos mayores fueron alumnos de escuelas públicas del núcleo urbano de Florianópolis (SC), en el período de 1930 a 1950. Michel de Certeau fue el aporte teórico para pensar la narrativa como arte de decir, el cotidiano y las prácticas de la infancia. Los conceptos de narrador,

<sup>1</sup> Doutora em Educação, professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: <[canolatt@gmail.com](mailto:canolatt@gmail.com)>. ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-2904-423X>

<sup>2</sup> Doutora em História, professora do Depto de Metodologia de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: <[clariciaotto@gmail.com](mailto:clariciaotto@gmail.com)>. ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0001-8682-8332>



de experiencia y de historia, en la perspectiva de Walter Benjamin, fueron base para las reflexiones acerca de los mayores como narradores y de la propia capacidad de narrar en nuestro tiempo.

**Palabras clave:** Mayor edad. Infancia. Experiencia. Prácticas.

## INTRODUÇÃO

Os entrevistados, sujeitos das práticas no passado, puderam falar acerca das suas ações na infância por meio das suas memórias, isto é, entramos em um processo de rememoração. Na esteira de Certeau (2009), o que está em jogo nas fontes orais é a arte de dizer, pois fixa algo que está em movimento, a memória. Assim, as narrativas sobre o passado, compreendidas como “ação da memória” (ALBERTI, 2004, p. 33), contêm elementos peculiares e sutis acerca de diferentes objetos de pesquisa sobre a infância, especialmente como parte interdependente da História da Educação e/ou na interface com outros campos. Nesse sentido, entrevistar quinze antigos moradores que, quando crianças, entre as décadas de 1930 e 1950 foram alunos de Grupos Escolares pertencentes ao núcleo urbano peninsular de Florianópolis, oportunizou o acesso ao vivido, às práticas de suas infâncias e a análise de seus propósitos e sentidos atribuídos ao passado, no tempo presente<sup>3</sup>.

No contexto de Florianópolis, o termo peninsular é uma região da Ilha de Santa Catarina que se liga ao continente e separa duas baías, a Norte e a Sul. A área é também conhecida como triângulo central ou polígono central da capital catarinense (Figura 1). Em tal região, havia três Grupos Escolares na década de 1930, o Grupo Escolar Lauro Müller, o Arquidiocesano São José e o Silveira de Souza. Além desses três Grupos, havia também o Colégio Dias Velho, cuja denominação variou entre Grupo Escolar, Instituto de Educação e Colégio (Figura 2).

---

<sup>3</sup> Para as entrevistas, elaboramos um roteiro e o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da instituição à qual está vinculado, e cada entrevistado assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No dia da entrevista era explicada a finalidade da pesquisa, lido o TCLE, informado que seria gravado com áudio e vídeo, pois necessitávamos desses recursos tecnológicos para ajudar na transcrição do áudio.



Apropriamo-nos do termo *infância*, no singular, como uma generalização que identifica a presença de uma categoria social. Por seu turno, levamos em conta o vivido dos sujeitos entrevistados, o que nos fez reconhecer que se apresentaram diferentes infâncias. Com o termo *velho*, buscamos reforçar o *status* positivo de um ciclo da vida, tentando romper com as noções que o enquadra como sujeito de um valor menor ou pejorativo<sup>5</sup>. Em certos períodos, as palavras e as lógicas em torno da velhice adquiriram modelos, posições e conceitos diferentes, o que caracteriza uma reinvenção do próprio *velho* na construção e reconstrução de seu papel na sociedade.

Nesse sentido, utilizar os termos *velho* e *infância* significa enfrentar uma questão, a saber, o valor dos dois na modernidade. Esses dois ciclos da vida separam-se na importância de quem guarda o futuro e, portanto, não detém ainda o passado (a infância) e seu inverso (a velhice). Ao mesmo tempo, aglutina-os ao tomá-los como indivíduos mantidos pelos sujeitos (im)produtivos.

Os velhos têm uma jornada que lhes confere propriedade sobre a sua infância no presente, porque o tempo lhes oferece um universo espesso de saberes, resultante do acúmulo de experiência de vida. Apesar de certa intransparência da cultura, da história, do social ou da própria vida, o fato é que os velhos são os proprietários de suas histórias.

As práticas são modos de socialização circunscritos a um espaço e tempo e, assim, como qualquer modo de socialização, são históricas. Na máxima de Certeau (2009, p. 38, grifo do autor), “o cotidiano se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*” e, portanto, o fazer tem um propósito e o que o move tem um sentido que depende de um saber: os saberes práticos engendrados no/pelo contexto. As práticas, as artes de fazer são habilidades, manobras, usos e rupturas da vida cotidiana e da ordem e, diante dos controles sociais, produzem desvios que nem sempre estão na lógica utilitarista ou funcional.

No período aproximado entre as décadas de 1930 a 1950 desenvolvia-se um discurso de que o Brasil expressava ares da modernidade nas cidades que eram capitais, apesar de que, em Florianópolis, capital de Santa Catarina, isso não correspondia. Os relatos que circulam entre as pessoas mais velhas e as pesquisas acadêmicas apontam para um modo de vida que expressa algo muito tardio, se comparada a outras capitais do país. A vida urbana

---

<sup>5</sup> Autores em diferentes campos referendam a palavra *velho* por reconhecerem a importância desses sujeitos na sociedade. A relevância do uso do vocábulo *velho* é destacada por Bosi (1994), fazendo a correspondência ao ancião. Marques (2007) e Debert (1999) debatem as influências de como uma época ou mentalidade colocam em questão o termo *velho*.

daquele período era *sui generis* para pensar a infância, pois o passado era o apego de muitos, e a vida transitava a passos lentos para mudanças.

Nesse contexto, na primeira seção deste artigo, abordamos o uso das fontes orais, do foco no sujeito e das narrativas como prática e enunciativas da prática. Por esse aspecto, a memória é tomada como contexto das práticas. Na segunda seção, à luz dos conceitos de narrador, experiência e história, segundo Walter Benjamin, refletimos sobre as transformações do valor das narrativas dos velhos e, em alguma medida, deles mesmos na sociedade contemporânea.

## 1. NARRATIVAS COMO PRÁTICAS

Certeau (2009) considera que as narrativas, como práticas, não são as próprias práticas da infância, porquanto jamais essa linguagem pode traduzir plenamente as ações no tempo de sua realização. Trata-se de um ponto nevrálgico. Entretanto, os relatos advindos das entrevistas têm a “pertinência *teórica* da narratividade no que concerne às práticas cotidianas” (CERTEAU, 2009, p. 133, grifo do autor). Essa questão sinaliza como as narrativas podem ser uma dupla via: uma na forma de relato, pois é animado e repleto de lances, fazendo a reconstrução de si e de sua vida; e a outra, que o relato traz à luz as práticas da infância, pois a lembrança vivifica, no presente, o passado da infância dos velhos. Disso também se depreende o quanto o presente ilumina o passado e seu inverso, uma vez que, no adensamento produzido pelo tempo, quem pode fazê-lo com mais clareza talvez seja o velho.

A imagem *Internal Reflection* de Luciani (2016, p. 41) representa o entrelaçamento desses polos, a infância e a velhice, na forma de presença e ausência (Figura 3). A imagem é complexa e suscita múltiplas análises, dentre as quais uma poderia ser a infância do espectador refletida no espelho, talvez próxima à proposta de Velásquez, ao pintar os reis da Áustria na obra *As Meninas*. Por outra perspectiva, a mão da mulher segura um artefato vítreo que projeta uma imagem avessa ao tempo do velho, a infância. Desse ângulo, quem segura o objeto que evoca a infância é o velho. Um contido, desaparecido, que já não é, tendo sido.

Figura 3 - *Internal Refletion*

Fonte: Luciani (2016, p. 41).

Como geração, a infância é ausente na vida atual do velho, mas o que há da infância está tramado no sujeito. Nesse sentido, entrelaçam-se infância e velhice como categorias da vida no tempo, no espaço e na cultura. O intervalo de tempo entre a própria infância do homem comum e os seus relatos, na condição de velhos, fazem-se por diversas maneiras de narrar ou silenciar, de lembrar e esquecer, sob a forma de um dizer interpretativo de si que baliza sua identidade, quando se reconstrói por “um discurso que seja memória e prática, em suma, o relato do tato” (CERTEAU, 2009, p. 139). Quando relata, o narrador está em um embate com o tempo, tenta preservá-lo e, então, cria e constrói marcas e referências do e no tempo. Faz encaixes possíveis com palavras e eventos-chave, algo como “o tempo *fora* do tempo, um tempo *sem* tempo” (PORTELLI, 2004, p. 296, grifos do autor).

Em que pese a presença de um roteiro, evitamos que se traduzisse no que Alberti (2004, p. 24) indica: “risco de o resultado acabar sendo determinado pelas perguntas, que só conseguem trazer à lembrança alguns aspectos da vida diária”. Ao mesmo tempo, com tudo o que o entrevistador possa se munir para o trabalho e alcançar seus resultados, “o encontro propiciado pela entrevista gera interações sobre as quais o historiador tem somente um domínio parcial” (FRANÇOIS, 2006, p. 9).

Trabalhar com as memórias para encontrar os vestígios dos sentidos que são significados na infância, por meio das práticas, especialmente aquelas advindas do que Certeau (2009) chamou de práticas de espaço, de fala e táticas, foram relevantes para conhecer a infância de uma geração. Para Certeau (2009), a noção de lugar tem seu cerne nos modos como operam as instituições com suas regras, regulações, determinações e

normativas, e a noção de espaço como ressignificação do lugar produzida pela ação dos sujeitos. Além desses, Certeau opera com o conceito de estratégias que são forças de controle e racionalização na manutenção das instituições, que sofrem investidas e golpes dos indivíduos comuns nas formas de táticas. Desse modo, nosso esforço foi o de captar, no relato, as práticas, tanto na ordem quanto na transgressão da ordem, o que nas entrevistas tornou-se mais complexo. Isto porque, na interação entre entrevistado e entrevistador, há um pressuposto de que o entrevistado queira expor práticas *corretas*, ou seja, dentro da ordem.

Contudo, por ser um relato sobre a infância, parecia haver certa permissão para as subversões que ressoavam no referido contexto social e cultural. Conhecemos essa atmosfera permissiva da infância sobre seus atos em uma das entrevistas com um casal, quando o marido diz para a esposa: “É, hoje a gente conta, na época não”. E a esposa responde: “Deus o livre! Não se falava nisso, não se contava” (VADICO e DADÁ, 2015, p. 5)<sup>6</sup>.

Durante as entrevistas, dois objetos foram inseridos como mediadores: um mapa da área peninsular central da Ilha e suas ruas e fotos antigas. O mapa teve o propósito de auxiliar na *captura* do movimento da infância na cidade, ou seja, na narrativa do lugar como prática do espaço, pois “todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço” (CERTEAU, 2009, p. 183). O mapa foi um orientador estruturado da cidade. Entretanto, caminhar é uma operação no espaço, sem necessariamente corresponder à ordem espacial.

A cada entrevista, os percursos iam surgindo como práticas no mapa. Assim, o mapa contribuiu para pensar os percursos da infância na cidade, bem como mostrou “as relações entre indicadores de ‘percursos’ e indicadores de ‘mapas’ onde coexistem numa mesma descrição” (CERTEAU, 2009, p. 187, grifos do autor).

Mazinho faz um relato de espaço apontando o impasse entre o que era o local, a praça, e o que significava para ele, a praia do jardim do futebol:

Nós jogávamos futebol na praia, mas não na areia da praia, jogávamos era no jardim, nós chamávamos de praia para dizer perto da praia, a de São Luiz, onde tinha a pedra de São Luiz. Ali tinha o jardim com banquinho de madeira e um caminho para bicicletas passarem. Tinha grama e ninguém jogava calha e futebol na praia, a calha nós jogávamos na parte de areia (caminho) e o futebol na grama. [...] Isso era uma praça, tinha luz e tudo. Aquela pracinha

---

<sup>6</sup> Visando a manter o anonimato, os nomes dos entrevistados são pseudônimos, tal como aprovado pelo Comitê de Ética e de acordo com o TCLE. A escolha dos pseudônimos pautou-se em apelidos derivados de nomes, geralmente de cunho afetivo e habitualmente usados pelos nativos de origem açoriana em Florianópolis como, por exemplo, para Manoel, os apelidos podem ser: Maneca, Neneca, Neca, Nequinha. As terminações dos apelidos mais usadas são “ica”, “ico”, “oca”, “eca”, “inha”, “inho”, “ita”, “ito”, “ina”, “ino”. Neste artigo, citamos cinco dentre os quinze entrevistados: Vadico, Dadá, Mazinho, Nininha e Graça.

do Hotel Majestic era um pedaço dessa pracinha antiga (MAZINHO, 2016, p. 24).

Na gravação das entrevistas, a imagem aliada ao áudio foi fundamental para “saber que o não dito, a hesitação, o silêncio, a repetição desnecessária, o lapso, a divagação e a associação são elementos integrantes e até estruturantes do discurso e do relato” (VOLDMAN, 2006, p. 38).

Tais aspectos exigem, do pesquisador, o trabalho hermenêutico sobre as experiências narradas e as demais fontes, que tecem fios de sentido que se entrelaçam nos tempos e nos espaços. Assim, na próxima seção, em um exercício hermenêutico sobre tais fontes, procuramos interpretar as formas como, na memória, os velhos de hoje vivem e significam sua infância. Um esforço de tradução dos sentidos, das coisas do mundo, das relações da infância com objetos, pares, adultos, instituições, espaços-tempos vividos que se expressam como realidade.

## 2. SENTIDOS DA EXPERIÊNCIA NO JOGO DAS MEMÓRIAS

Nos preâmbulos das entrevistas com velhos, na porta que se abria para nos receber ou nos primeiros momentos antes do início da gravação da entrevista, havia certa atmosfera que pode ser sintetizada em uma expressão aglutinadora: não sei se o que eu vou falar vai te servir para alguma coisa. Compreendemos tal atmosfera como expressão do modo como o velho duvida do valor de sua experiência no legado transmissível a outrem, na atualidade. Portanto, um provável resultado do sintoma anunciado por Benjamin (2012, p. 17), quando sinalizou o declínio do narrador e a mudança da experiência neste “tempo homogêneo e vazio”, a modernidade.

Talvez, para esses que agora narram suas histórias ordinárias, ao contrário do modo de comunicação da informação que, como ressalta Benjamin (1994), ganhou significativas proporções, o sentido dado ao seu vivido é tomado como algo menor. Isso ocorre em jornais, tanto em relação à história noticiada dos acontecimentos, quanto em referência aos grandes eventos ou ao vivido pelas figuras de alta posição social da cidade.

Benjamin (2015), com base nos estudos de Baudelaire, indica que, na modernidade, não se ultrapassa a vivência na direção da experiência dos sujeitos. Desse modo, o velho é aquele que permanece no mundo que muda, um mundo que se põe a não

olhar para trás, mas a correr no curso da história para frente. Nesse fluxo que instituiu um novo tempo e uma forma de tratar o próprio tempo, produz-se a indiferença com o passado, materializada no velho e na sua experiência.

Na tese IX sobre a filosofia da história, Benjamin (2012) indica o que se designa como resto do passado como constituição da própria história. No processo de transformação histórica, aquilo que se materializa como outra forma de organização social rompe o estado das coisas e posiciona as formas (e, portanto, os conteúdos) do passado como obsoletos. Todavia, ignorar o passado é desconsiderar as forças que atuam no movimento da história:

A cadeia de fatos que aparece diante de nossos olhos é para ele [o anjo da história] uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhas lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstruir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já não as consegue fechar. Esse vendaval arrasta-o imparavelmente para o futuro, a que ele volta as costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até o céu. Aquilo que chamamos o progresso é este vendaval (BENJAMIN, 2012, p. 14).

Hoje, o velho, com o afastamento do trabalho e o rompimento da força do tempo sobre a ordem de seu mundo, outrora funcional, parece estar mais próximo de um possível estado contemplativo. Na lassidão do tempo, na suspensão do ritmo das coisas, abre-se a possibilidade de viver o ambiente como espera. Com isso, há um pressuposto de que ele é livre para a transmissão de seu acervo oriundo da condição de aprendiz da geração anterior. Considerada a baixa da experiência, ainda habita nele (no velho na modernidade) o patrimônio de um grupo em estado de ebulição? Se antes (e antes da morte) ele era a referência e a representação máxima do sujeito de experiência, é o velho hoje uma autoridade capaz de narrar? Qual a herança em vida daquele que, não só pela idade, sobreviveu aos enfrentamentos do tempo e do espaço cotidianamente?

Nesse sentido, experiência, tempo, espaço e memória, segundo Benjamin (1994), constituem-se em elementos relevantes para pensar o sentido contido na autopercepção desses entrevistados. A narrativa, como modo de transmissão de saberes do passado, depende da experiência construída no cotidiano. Entretanto, “se ‘dar conselhos’ parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis” (BENJAMIN, 1994, p. 200, grifo do autor). A comunicação parece ser um aspecto importante ao pensar sobre a narrativa e o velho, uma vez considerado que aquela está vinculada à capacidade de

cultivar as coisas no mundo. Algo que implica macerar, parcimoniosamente, o vivido pelo olhar, pelas mãos e pela escuta, o que o tempo na modernidade não permite mais.

De acordo com Benjamin (1994), o narrador é aquele que, em uma comunidade, tem a capacidade de transmissão oral de um conjunto de valores, saberes, conselhos e práticas que contribuem para a formação das novas gerações. Ele dá sentido ao vivido. Quem narra é um sujeito reconhecido, cuja autoridade reside na própria experiência, nas camadas de conhecimentos capazes de contribuir com a vida dos novos que se iniciam no mundo.

Nesse sentido, a substância da narrativa é a experiência feita de componentes da realidade propagada de forma oral. A história que se conta é fruto do sentido dessa experiência vivida pelo velho, e não a mera descrição de fatos e acontecimentos: “a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz”, o narrador põe em jogo “a alma, o olho e a mão” (BENJAMIN, 1994, p. 220). Esses, amalgamados, tornam-se o meio narrativo do conteúdo da experiência de uma comunidade. A força dessa narrativa perpetua-se e é onipresente ao ouvinte da nova geração, pois “[...] o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1994, p. 201). Constitui uma história que se atualiza na repetição da narrativa, por gerações, porque, uma vez difundida, impregna-se na memória dos ouvintes.

A atmosfera vivida com os entrevistados, nesta experiência de pesquisa, sugere uma ambiguidade. Se por um lado sua condição de narrador está posta em jogo, por outro, o fato de sentir que não há vias/meios da experiência ser acolhida como forma de conselho, respaldo ou parte do mundo que hoje se apresenta, é já uma sabedoria sobre a própria vida e da condição do velho na modernidade, e o reconhecimento da fragilidade de sua condição de narrador.

Estabeleceu-se um descompasso entre suas vidas e o que as novas gerações vivem. Muitos dos entrevistados restringem suas relações com familiares, sem ter outros com quem compartilhar o que sabem. Um tempo que parece sobrar nessa idade, mas que se esvaiu das suas próprias mãos e perde valor, uma vez que é o tempo que não pode ser medido pelo salário, portanto inútil, o tempo do ócio na sociedade do negócio. Assim, os entrevistados reconhecem que o tempo está detido na ordem e no movimento da cidade, no trabalho e nas importâncias alheias, muito distante do mundo contemplativo e das experiências a serem

divididas. Esse é o tempo dos meios de comunicação, do telejornal e da *internet*, ou, ao descortinar esse movimento, o tempo em que,

[...] assistimos em nossos dias ao nascimento da *short story*, que se emancipou da tradição oral e não mais permite essa lenta superposição de camadas finas e translúcidas, que representa a melhor imagem do processo pelo qual a narrativa perfeita vem à luz do dia, como coroamento das várias camadas constituídas pelas narrações sucessivas (BENJAMIN, 1994, p. 206).

Para os entrevistados, parece difícil crer que alguém deseja ouvir algo que não seja um novo acontecimento, um agora. Diferente da informação que, de acordo com Benjamin (1994, p. 204), “só tem valor no momento em que ela é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo, tem que se explicar nele”, o que os velhos têm a oferecer é um mundo do passado que foi guardado na memória. Lembranças, reminiscências, suvenires<sup>7</sup>?

A mudança nos modos de produção cultural atinge as percepções dos entrevistados. Quando perguntamos sobre o passado, precisaram fazer um revés da lógica que se constrói no universo a que tentam se acostumar na atualidade. Talvez, em virtude de um meio minado de informações e notícias, os entrevistados consideram que o conteúdo de sua fala tenha de se aproximar desse formato, a do fato objetivo, comprovado, como quando se preocupam com a comprovação ou explicações de algo dito.

Esse velho que chamamos a narrar o vivido em seu passado de infância, que em sua humildade produzida pelo peso da história desconfia do valor de sua narrativa, apesar da trajetória espaço-temporal, é o mesmo narrador de Benjamin? Não há, aqui, intenção de resposta, mas de refletir sobre um problema acerca do valor da narrativa.

Se a baixa da autopercepção do velho como narrador foi encontrada em alguns entrevistados, é essencial aludir que essa não foi uma posição homogênea, ainda que hegemônica, com os quinze interlocutores. Duas entrevistadas colocaram-se de forma diferente quanto ao empoderamento do velho, do valor do vivido e da palavra que o narra. Graça e Nininha, ambas negras e participantes das atividades da Academia de Letras em Florianópolis, um espaço social de valor da palavra falada e escrita e da produção literária,

---

<sup>7</sup> O souvenir é uma lembrança que trazemos de um lugar. Por tal forma, a lembrança é, também, uma mercadoria, algo que guardamos na ordem da vivência, pois, como esclarece Buck-Morss (2002, p. 232, grifo do autor), com base em Benjamin, “a experiência está ‘morta’, em uma série de suvenires”.

posicionaram-se na contramão da atmosfera que pode, por nós, ser sintetizada na frase *não sei se o que eu vou falar vai te servir para alguma coisa*, falada pelos demais entrevistados.

A importância que ambas dão à sua participação na Academia e em outros espaços sociais, por meio de crônicas escritas, de contação das suas histórias de vida e outras narrativas que elaboram, positiva a sua identidade. Nos primeiros momentos do encontro, Nininha (2016) já enfatiza a força de sua memória e capacidade de narrar.

Durante a entrevista, Nininha fala que é neta de uma mulher que foi escrava na Ilha. Tal aspecto gera uma forte identificação com as causas étnicas, bem como parece ser um fator que gesta o seu compromisso com as lembranças. De modos particulares, “a memória escolhe lugares privilegiados de onde tira sua seiva” (BOSI, 2003, p. 71) e, portanto, compartilhar as vivências valoriza sua identidade e fortalece os laços do presente com o passado. Uma identidade que se restaura com a luta dos negros em Florianópolis. Tal compromisso com o lembrar aponta para uma face do sentido da memória, o *dever de memória* (SARLO, 2007; HEYMANN, 2007).

Fica patente que as injustiças sofridas por Nininha fortalecem seu senso de dever e responsabilidade, quando procura preservar e transmitir sua trajetória de vida. Sem dúvida, os episódios sugerem uma história de luta desde elementos mais sutis, como a patroa branca que raspa a manteiga do seu pão quando pequena para não a deixar comer, até o reconhecimento dos efeitos emocionais que a pobreza e o racismo podem causar. O que fica em jogo no trato com a memória não é a precisão do passado assim como aconteceu, o que está em xeque, segundo Gagnebin (2014), são os sentidos advindos do processo de rememoração.

Nininha reconhece seu lugar como responsável por um legado familiar, de classe social e étnica no diálogo do passado com o presente. Como afirma Gagnebin (2014, p. 248), “o verdadeiro lembrar, a rememoração, salva o passado não somente porque o conserva, mas porque lhe assinala um lugar preciso de sepultura no chão do presente, possibilitando o luto e a continuação da vida”. Desse modo, ao narrar as relações do morro, as idas às fontes para lavar roupa, as caminhadas pela cidade aos seis anos para levar a roupa lavada e passada, os empregos subalternos das mulheres pobres e/ou negras como lavadeiras ou empregadas domésticas, legitima a memória como forma de luta.

No esforço de manter vivo o passado, Nininha faz uso de artefatos que pertenceram aos seus avós e pais. Trata-se de objetos que a acompanham desde sempre,

costurados à sua própria história de vida. Segundo Bosi (2003, p. 26), “só o objeto biográfico é insubstituível: as coisas que envelhecem conosco nos dão a pacífica sensação de continuidade”. No dia da entrevista, Nininha trouxe consigo objetos de sua infância por ela guardados.

Dentre os artefatos, é singelo um presente dado por seu pai. Ela descreve que ganhou de presente quando, aos oito anos de idade, o viu vendendo e correu para abraçá-lo. Ela pediu um dos folhetos, o pai deu aquele que estava com um pedaço rasgado e que não poderia mais vender. A atmosfera afetiva com que narra sobre as relações, trajetórias e artefatos em sua vida enaltece seu valor aurático na perspectiva benjaminiana (1994). Os artefatos mediam a memória de Nininha e retêm, cada um, o sentido de unicidade.

Se a mobilidade e a contingência acompanham nossas relações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto de objetos que nos rodeiam [...]. Mais que uma sensação estética ou de utilidade eles nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade; e os que estiveram sempre conosco falam à nossa alma em sua língua natal (BOSI, 2003, p. 25-26).

A herança que embala esse *rito de passagem* dos artefatos, quando Nininha pensa a sua morte, ganha emoções durante a entrevista. Com a posse dos objetos, a entrevistada figura uma anciã que guarda e transmite as reminiscências da família e, do ponto de vista social, o recorte do cenário de vida dos negros na história de Florianópolis. Por consequência, parece almejar que, ao falecer, seus ensinamentos reverberem na próxima geração, sob o mesmo compromisso de transmissão do passado que teve, seja de forma oral ou escrita.

O atributo de relíquia dado aos artefatos e as constantes evocações com o seu uso no presente representam o valor de transmissão de algo a ser passado de um para o outro dentro da família. A memória é um elemento importante para uma família que, na época, tinha poucos ou raros registros escritos, seja em virtude da própria época, seja, principalmente, pela condição social de poucos recursos financeiros dos avós, o que fazia prevalecer a oralidade.

Para a entrevistada Graça, o vivido na infância tem forte sentido, tanto que considera importante transmiti-lo às crianças de hoje. Mesmo com os percalços que viveu, comenta sobre a infância:

Mas assim, tirando essas coisas (dificuldades), era muito, foi muito bom. Eu tenho assim, muita coisa boa da infância, sabe! Que, que me dá, assim,

alegria de que hoje se eu repasso para um neto, se eu repasso para uma criança, quando eu estou contando história, é porque eu estive lá. Eu estive lá. Eu tive essa, essa base lá (na infância, no passado). Até então não despertou, quando eu me aposentei e tinha mais tempo (para transmitir) sim (GRAÇA, 2015, p. 15).

É na velhice, com o tempo mais livre, que Graça afirma ter despertado para a importância de transmitir as vivências alegres da infância, pois “a memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” (BOSI, 2003, p. 53). A possibilidade de comunicar uma vivência é ressaltada na narrativa de Graça, ao explicitar o quanto somos reféns do tempo acelerado e vazio na modernidade. Não são apenas os adultos produtivos que estão em tais circunstâncias, a infância que vive a modernidade também é afetada. O modo como o tempo é racionalizado interfere no estado contemplativo, na fixação de imagens e escuta de uma narração.

Na verdade, a vida também se preenche com coisas mais efêmeras, que dificultam reconhecer e guardar valores de uma família, grupo ou comunidade. Aliás, o modo de vida que está posto aos sujeitos insinua, ao vivido, a força do esquecimento, pois não há como reter a quantidade de coisas que surgem, principalmente pelo tempo curto com que elas se apresentam na vida dos sujeitos.

No início da entrevista, Graça fala de sua atividade nos dias atuais. Explica que é contadora de histórias em diferentes espaços e também escreve as histórias, dando preferência a causos da Ilha e contos africanos, os quais são por ela reelaborados: “Eu conto história e agora a gente está lá na Creche Celso Ramos, ali na Prainha. A gente está pela Formação e Permanência da Prefeitura ali. Estou como voluntária. Nós já estamos com título e tem quinze anos de contação de história” (GRAÇA, 2015, p. 1). Ao contar histórias, amplia o espectro de pessoas para quem faz (comunica) a transmissão, transpondo o universo privado.

Sua atual experiência como contadora de histórias mostra a relevância da participação social dos velhos na construção da transmissão do passado, na aprendizagem da escuta e na ruptura do tempo acelerado das gerações anteriores. De acordo com Bosi (2003, p. 73), “a memória oral é fecunda quando exerce a função de intermediário cultural entre gerações”. Ainda, a respeito do velho e do passado, Graça, ao dizer, “quando eu estou contando história, é porque eu estive lá. Eu estive lá”, ressalta a sua autoridade geracional. Tal narrativa posiciona e reforça o velho como alguém que detém algo do passado que pode contribuir com os mais novos.

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepetível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar (SARLO, 2007, p. 24-25).

A despeito do impasse que o tempo coloca sobre o *apagamento* das lembranças dos sujeitos contemporâneos, o esforço de lembrar e a arte de narrar de Graça e Nininha resistem e colocam-se na contramão das urgências do presente para se deterem a escrever e a contar histórias acerca do passado.

As práticas constituem-se nas histórias contadas advindas da memória, o enlace e desenlace entre lembrança e esquecimento e nas relações sociais de ontem e de hoje. A memória é, também, tomada como o lugar em que se realizam as práticas da infância. Claro que, assim como salienta Bolle (1984, p. 15), o fato de que “a cidade descrita por Benjamin não é a cidade inteira. Ele sabe disso”, as narrativas dos entrevistados aqui referidos também não o são; tampouco nossas interpretações. Porém, assim como as memórias, a cidade é elemento contextualizador das práticas da infância.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O velho da pesquisa sobre a qual apresentamos aqui um fragmento é o sujeito comum, definido por Michel de Certeau (2009) como *anti-herói*, mas teve tanto a comunicar: pela fala, pelo silêncio, pela lembrança, pelos lapsos de memória, pelo sorriso, pela tristeza, pela saudade, pela opinião crítica, pela comparação entre o presente e o passado e pelos marcantes gestos corporais que acompanhavam a fala. Em uma atitude de discípulas diante do mestre, escutamos a cada um deles e, juntos, escavamos determinado passado, desenhando e adentrando em ruas, em chácaras e terrenos baldios, entre outros tantos espaços. Foi um longo processo de (re)memoração que se configurou em uma luta entre lembrança e esquecimento.

A produção de fontes orais como metodologia de pesquisa e sua tradução para a escrita da história da educação é indissociável de uma discussão sobre a memória e seus sentidos. Em cada entrevistado, a memória apresentou-se inquieta, ora apoiada em episódios

da vida privada, ora em eventos sociais e culturais da coletividade, ora emergia do inconsciente, decorrente de algum estímulo sensorial e/ou de determinado suporte da memória que evocava experiências dos tempos de criança. Em outras palavras, as lembranças, muitas vezes, surgiram de forma inesperada e, portanto, nem sempre controláveis, a ponto de se surpreenderem consigo mesmos, com os detalhes que traziam à tona. As memórias estão em constante movimento, ela é seletiva, é inquieta e perturbadora.

Houve entrevistados receosos em relação ao possível valor da sua experiência e, portanto, do seu valor como velho no mundo de hoje. Tal atmosfera acerca da representação do velho e da influência do sintoma da modernidade na vida desses sujeitos decorre do fato de o novo ser sobrevalorizado; do tempo veloz, contraído e vazio; da noção de progresso que torna obsoleto tudo o que é do passado e o próprio velho. Por estarem na contramão da lógica produtiva, com a vida suspensa, colocando-se na direção de um estado contemplativo e da lassidão do tempo vivido, meditam sobre a constituição da sua identidade social de velho e de sua representação social na condição de narrador.

Rememorar o caminhar pela cidade quando crianças constituiu-se em uma forma de enunciação que transcende o verbal: a rua não se restringia a uma concepção de via ou lugar apenas de passagem, caráter funcional atribuído pelos peritos da cidade. Era o espaço social de muitas práticas, tais como brincar, coletar, encontrar e confrontar pessoas. Nas memórias, a rua tem o sentido que significa o espaço da cidade. Um dos espaços-tempos mais usados pelas crianças que expressaram práticas clandestinas, conflitos e burlas foi o caminho entre a casa e a escola. Nas narrativas, o tom de aventura e regozijo das práticas burladoras resume os sentidos desse percurso.

Por fim, diante de cada narrativa, concluímos que o entrevistador é convidado a dançar e a lutar com aquele que narra e precisa desenvolver a arte de ouvir. No diálogo, os interlocutores, entrevistado e entrevistador, cuidam com o que dizem, ajustam a narração sobre o passado no tempo presente, avaliam o que dizer, dizem por e sobre, apoiam-se em outros ausentes, presentes um dia em sua vida; e preocupam-se com quem os ouve.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Ouvir, contar**: textos de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, W. **O anjo da história**. Trad. João Barreto. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BENJAMIN, W. **Baudelaire e a modernidade**. Trad. João Barreto. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BOLLE, W. Cultura, patrimônio e preservação. In: ARANTES, A. **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Brasiliense; Condephaat, 1984. p. 11-23.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 15. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BUCK-MORSS, S. **Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das passagens**. Trad. Ana Luiza Andrade. Belo Horizonte: UFMG; Chapecó: Argos, 2002.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 16. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2009.

DADÁ. Entrevista n. 9, concedida às autoras. Florianópolis, 09 de dezembro de 2015.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processo de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp, 1999.

FRANÇOIS, E. A fecundidade da história oral. In: AMADO, J; MORAES, M. F. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 3-13.

GAGNEBIN, J. M. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin**. São Paulo: Editora 34. 2014.

GRAÇA. Entrevista n. 12, concedida às autoras. Florianópolis, 22 de dezembro de 2015.

HEYMANN, L. Q. O dever de memória na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos. In: GOMES, A. C. **Direitos e cidadania: memória, política e cultura**. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p. 15-43.

LUCIANI, T. Internal Reflection. **Mamma: in the Meantime**, Canada, Durham Ontario, p. 41, 2016. Disponível em: <<http://www.blurb.ca/books/6917077-mamma>>. Acesso em: 14 maio 2018.

MARQUES, A. M. **Velhices problematizadas: redes discursivas sobre envelhecimento em Santa Catarina, no Brasil e no contexto das décadas de 1970 a 1990**. Tese (Doutorado em História) – Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

MAZINHO. Entrevista n. 15, concedida às autoras. Florianópolis, 11 de abril de 2016.

NININHA. Entrevista n. 14, concedida às autoras. Florianópolis, 27 de fevereiro de 2016.

PORTELLI, A. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In: RIBEIRO, D. F.; MACIEL, L.; ALMEIDA, P. et al. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004. p. 296-313.

SARLO, B. **Tempo Passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d'Águar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

VADICO. Entrevista n. 8, concedida às autoras. Florianópolis, 09 de dezembro de 2015.

VEIGA, E. **Florianópolis**: memória urbana. 3. ed. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2008.

VOLDMAN, D. Definições e usos. In: AMADO, J; MORAES, M. F. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 33-41

**RECEBIDO 05 DE MAIO DE 2019.**

**APROVADO 06 DE NOVEMBRO DE 2019.**